

O Papel da Família na Educação Sexual: Discursos Pastorais da Igreja Católica (2013-2016)

The family's Role in Sex Education: Catholic Church's Pastoral Speeches (2013-2016)

 Cícero Edinaldo dos Santos¹

Resumo

O presente artigo discute as interfaces entre Igreja Católica, família e educação sexual no mundo contemporâneo. Tem o objetivo de compreender o papel da família na educação sexual, centrando-se nos discursos pastorais da Igreja Católica, produzidos no período de 2013 a 2016. Faz uso da pesquisa documental, com abordagem qualitativa e exploratória. Apresenta procedimentos metodológicos e nuances analíticas para a compreensão dos discursos pastorais da Igreja Católica. Em seguida, centra-se nas orientações do Papa Francisco e do Sínodo dos Bispos. Considera que o papel dedicado a família na educação sexual é ensinar sobre as diferenças dos corpos e a afetividade, com conhecimentos e práticas cotidianas, valorizando o sacramento do Matrimônio para as novas gerações.

Palavras-chave: Família. Educação sexual. Igreja Católica.

Abstract

The present paper discusses the interfaces between the Catholic Church, family and sex education in the contemporary world. It aims to understand the Family's role in sex education, focusing on the pastoral speeches of the Catholic Church, produced in the period from 2013 to 2016. It presents methodological procedures and analytical nuances for understanding the pastoral discourses of the Catholic Church. It then focuses on the guidelines of Pope Francis and the Synod of Bishops. Considers that the role of the family in sex education is to teach about the differences of bodies and affectivity, with knowledge and daily practices, valuing the sacrament of marriage for the new generations.

Keywords: Family. Sex education. Catholic church.

¹ Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Colaborador da linha de Pesquisa História e Educação Comparada (LHEC/UFC) e do Laboratório de Estudos Urbanos, Sustentabilidade e Políticas Públicas (LAURBS – UFCA) – E-mail: ciceroedinaldo@live.com.

1. Introdução

No mundo contemporâneo, nota-se a urgência de entender as ideias referentes a família sem o uso restrito de parâmetros de universalidade, mas considerando tais parâmetros para instigar reflexões sobre a (de)limitação dos modos de existência de homens e mulheres. Proliferaram-se novas formas de conjugalidade e parentalidade, tais como as famílias reconstituídas, monoparentais e homoafetivas. A procriação manteve-se dissociada do ato sexual, apoiando-se em métodos contraceptivos, manipulação genética, bancos de espermatozoides e úteros alugados. O casamento civil e o divórcio aumentaram significativamente. Em meio a isso, a sexualidade tornou-se pauta de debates acalorados (PRADO, 2013; DERRIDA; ROUDINESCO, 2004; ROUDINESCO, 2003).

Em linhas gerais, é possível considerar que a sexualidade é polimorfa e ultrapassa a necessidade fisiológica e/ou a marcadores biológicos. Ela é influenciada por fatores psicológicos, econômicos, políticos, éticos, legais, religiosos etc. (BIROLI, 2014; FOUCAULT, 1988). Refere-se a um conjunto de comportamentos variados que envolvem a busca da satisfação pessoal, indo além de aspectos restritos aos genitais e a relação sexual. Sua elaboração abrange aspectos identitários e de diferenciação, podendo ser reiterada ou subvertida por intermédio da educação sexual (FURLANI, 2007).

A educação sexual abrange uma série de orientações sobre “valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual” (FIGUEIRÓ, 1996, p. 17). Fortemente influenciada pela conjuntura histórica vigente, esse tipo de educação acontece num processo minucioso e sempre inacabado, “insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado, por um conjunto de instâncias sociais e culturais” (LOURO, 2008, p. 18).

Distintos campos científicos e movimentos sociais afirmam que a educação sexual deve ser realizada a partir de políticas públicas, enfatizando diretrizes sobre saúde sexual e reprodutiva, diferenças e diversidades sexuais, direitos humanos, comportamentos, competências e habilidades para o autocuidado. Defendem a importância da família na educação sexual das crianças e jovens, propondo caminhos e alternativas de ensino e aprendizagem, embora também mencionem os fortes desafios para a efetivação (FIGUEIRÓ, 2009).

Desde meados do século XX, distintos representantes da Igreja Católica também compartilham a ideia de protagonismo da família na educação sexual. Conforme a declaração *Gravissimum educationis*, sobre a educação cristã, promulgada em 28 outubro 1965, à luz do Concílio Vaticano II (1962-1965), bem como o Catecismo da Igreja Católica, promulgado em 1992, tornava-se urgente uma positiva e prudente educação sexual. No mundo contemporâneo, a Igreja estava convidada a defender uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias. Uma educação sexual, onde a família tinha destaque, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos, para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra (AQUINO, 2002).

No século XXI, o Papa Francisco vem promovendo aportes problematizadores para o entendimento da produção de modos de existência, que afetam os aspectos mais tênues do referido protagonismo. A partir da discussão de temáticas relevantes, tais como a evangelização da família, o Sínodo dos Bispos (reunião do Episcopado mundial com o Papa) também se mostrou como uma alternativa para auxiliar nos caminhos a serem seguidos pela Igreja Católica e por seus fiéis.

Nessas circunstâncias, o presente artigo almeja compreender o papel da família na educação sexual, centrando-se nos discursos pastorais da Igreja Católica promulgados no período de 2013 a 2016. Apresenta procedimentos metodológicos e nuances analíticas para a compreensão dos discursos pastorais da Igreja Católica. Em seguida, centra-se nas orientações elaboradas nos documentos promulgados pelo Papa Francisco e no Sínodo dos Bispos. Por fim, denota algumas considerações pontuais.

2. Procedimentos Metodológicos

Os documentos são de suma relevância para a ressignificação histórica de um passado relativamente distante ou recente. No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, é possível dizer que os documentos são vistos como “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILLIPS, 1974, p. 187). Logo, “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento” (CELLARD, 2008, p. 296), inclusive aqueles promulgados por instituições religiosas.

Os documentos são condições de possibilidade para a construção de compreensões acerca da humanidade, mas não trazem em si um sentido atemporal sobre ela. Cada documento é, antes de tudo:

[...] o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente (LE GOFF, 1990, p.472).

Para o processo de “desmistificação” é válido pensar os documentos como objetos de significação e/ou objetos de comunicação historicamente construídos. No que tange essa pesquisa, preocupou-se em adotar essas duas visões. Optou-se em catalogar documentos promulgados pela Igreja Católica, mais especificamente aqueles escritos pelo Papa Francisco e o Sínodo dos Bispos, no período de 2013 a 2016. Esse período representa o começo de ação do novo pontificado e seu viés pastoral no mundo contemporâneo.

O *locus* de investigação e catalogação dos documentos foi o *site* do Vaticano. Criado em 1995, pela irmã franciscana e *webmaster* Judith Zoebelin e um grupo de técnicos especializados, o *site* do Vaticano tornou-se um “celeiro de pesquisa internacional”, sendo um dos mais visitados no mundo diariamente. Difunde documentos, unitários e/ou acervos completos, com a intenção de preservar e tornar público os dizeres e fazeres da Igreja Católica no passado e no presente.

A pesquisa documental do *site* do Vaticano, caracterizou-se pelo estudo “[...] de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 45). Com a abordagem qualitativa e exploratória, buscou-se respostas a questões particulares que não poderiam ser totalmente quantificadas, além de possibilitar novos conhecimentos sobre a problemática em questão (MINAYO, 2012).

Foram utilizados os seguintes documentos promulgados pelo Papa Francisco: exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (2013), três audiências gerais sobre a família na contemporaneidade (2015a; 2015b, 2015c) e exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família (2016). De forma complementar, também foram utilizados o Lineamento (2014) e o Relatório Final do Sínodo dos Bispos (2015), uma vez que apresentam reflexões acerca da identidade da família no mundo contemporâneo. Esses

documentos estão traduzidos em distintas línguas no *site* do Vaticano e disponibilizados gratuitamente para acesso virtual.

3. Discursos Pastorais da Igreja Católica: Nuances Analíticas

Ao longo dos séculos, o pastorado cristão se tornou a pedra angular da Igreja Católica no Ocidente, apresentando-se como uma complexa “arte de conduzir” homens e mulheres a pretexto de guiá-los para uma vida pós-morte, uma vida eterna. “Nenhuma civilização, nenhuma sociedade foi mais pastoral do que as sociedades cristãs desde o fim do mundo antigo, até o nascimento do mundo moderno” (FOUCAULT, 2008, p. 219).

Diante das contestações e reivindicações em prol de novos modos de existência, o pastorado cristão foi “deslocado, desmembrado, transformado e integrado a formas diversas, mas no fundo nunca foi verdadeiramente abolido” (FOUCAULT, 2008, p. 197).

Ao contrário do que se imaginava, não aconteceu o desaparecimento do pastorado cristão no mundo contemporâneo. Nos dias atuais, o pastorado cristão ainda é intensificado. Assim como outrora, visa intervir na vida espiritual e material dos indivíduos, impondo orientações para aqueles que se consideram fiéis do “Bom Pastor” (Jesus Cristo) e seus representantes pastorais na terra (Papa e Bispos), e até mesmo para aqueles que não acreditam nas orientações suscitadas. O pastorado cristão é uma ação-processual para a manutenção da obediência integral entre uns e outros. Não tem por foco apenas uma microescala populacional, mas toda a humanidade.

Uma das novas vertentes de estudos acerca do pastorado cristão, parte do pressuposto de que “a vontade de condução” ainda tem forte ação na contemporaneidade e é difundida internacionalmente nos discursos pastorais da Igreja Católica, mas especificamente aqueles que são promulgados pelo Papa e Bispos (reunidos entre si e/ou representantes da Cúria Romana).

A vertente de estudo considera que, assim como outras tipologias, os discursos pastorais não correspondem (apenas) a um reflexo das relações entre condutores e conduzidos. Não representam um saber inocente e não são simplesmente aquilo que traduz as relações de submissão e dominação no interior da Igreja, “mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos

apoderar” (FOUCAULT, 1999, p. 10). Esses discursos são “as lentes através, das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram” (VEYNE, 2011, p. 50), para conduzir os outros por meio da ideia de salvação, destacando a obediência profunda no cotidiano.

Os discursos pastorais tentam determinar a emergência e/ou aniquilação de modos de existência, individuais e coletivos, a partir de uma imensa variedade de enunciados. Em linhas gerais, é possível considerar que os enunciados não se esgotam na linguagem escrita, tampouco se constituem como uma unidade imutável, uma vez que se encontram na transversalidade de frases e proposições. Os enunciados são ações de um indivíduo e/ou instituição que registra aquilo que se quer transmitir e conservar, aquilo que supostamente tem um alto valor.

Ao invés de ser uma coisa dita de forma definitiva [...] o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 2002, p. 121).

Os enunciados tendem a apresentar “coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza” (FOUCAULT, 1999, p. 22), que merece permanecer nos tempos vindouros, num fluxo contínuo. Todavia, os enunciados também são impactados pela conjuntura histórica, mesmo que sejam elaborados a partir de outros, repetidos a milhares de séculos. Logo, além dos fluxos enunciativos, é plausível também entender suas fricções. Em muitos casos, essas fricções resultam em novidades, atualizações e reparos nos discursos pastorais ao longo do tempo.

Os discursos pastorais são produzidos a partir do entrelaçamento entre três fundamentos de condução: a Sagrada Escritura, a Tradição apostólica e o Magistério da Igreja. A Sagrada Escritura é vista como uma fonte de “verdade irrefutável”, onde o Novo e Antigo Testamento complementam-se e relacionam-se para demonstrar a legitimidade da promessa de salvação. A Tradição apostólica organiza e mantém a transmissão da “Palavra da Salvação” entre uns e outros. Sedimenta as hierarquias institucionais e promove as polaridades entre os condutores e os conduzidos. O Magistério da Igreja, por sua vez, serve para interpretar autenticamente a Sagrada Escritura e promover novos escritos. Todavia,

admite-se que a interpretação do Magistério não pode ficar acima do que está registrado na Sagrada Escritura, nem pode ser realizada de qualquer jeito, por qualquer um.

Emergidos à luz da doutrina e reiterados na vida cotidiana, os discursos pastorais não são produzidos por qualquer integrante da Igreja Católica, tampouco feitos de qualquer forma. Os Bispos e o Papa são considerados os responsáveis por aprovar ou rejeitar as interpretações suscitadas dentro e fora da Igreja. No processo de produção são necessários exigências e qualificações daquele que escreve em “nome da Igreja”. Isso demonstra que “nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas” (FOUCAULT, 1999, p. 37), resultando em diferenciações que ecoam por longos séculos.

Os discursos pastorais podem ser encontrados em documentos com distintas configurações (tais como Encíclicas, Exortações apostólicas, audiências gerais etc.). Tais documentos utilizam um ritual estilístico de apresentação, iniciado com o título (muitas vezes em latim), a temática central e a dedicação (público), bem como a assinatura e a data da promulgação. Esse ritual reforça “todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção”. Além disso, o ritual estilístico “determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (FOUCAULT, 1999, p. 39).

4. Igreja Católica, Família e Educação Sexual: Interfaces Enunciativas

No âmbito pastoral da Igreja Católica, a família é vista como uma das principais instituições da sociedade. Simboliza um núcleo de formação humana, composto pela união de pessoas que vivem no lar, mais especificamente a tríade pai-mãe-filhos. As relações e regulações educacionais propostas na família contribuem para o desenvolvimento de concepções sobre os desejos e prazeres corporais, além de transmitirem normatizações socialmente construídas.

Nos primeiros anos de pontificado, o Papa Francisco produziu e fez circular internacionalmente alguns documentos que trazem a problemática da família no mundo contemporâneo. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, promulgada em 24 de novembro de 2013, ele dedicou orientações para o Episcopado, o clero, às

peças consagradas e aos fiéis leigos, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Em meio à crise cultural vigente no século XXI, o Papa Francisco considerava que:

No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos. O Matrimônio tende a ser visto como mera forma de gratificação afetiva, que se pode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Mas a contribuição indispensável do Matrimônio para a sociedade supera o nível da afetividade e das necessidades ocasionais do casal (PAPA FRANCISCO, 2013, s/p).

Assim como os seus antecessores, o Papa Francisco sublinhava que Deus, em sua imensa grandiosidade, manifestava a vontade de condução a partir do sacramento do Matrimônio. A índole do Matrimônio ainda era ordenada para o bem dos cônjuges, a procriação e educação dos filhos. No Matrimônio, era possível vivenciar os aspectos procriadores e unitivos da sexualidade, sem desvalorizar a esfera afetiva.

Apesar das mudanças conjecturais, internacionais, o Matrimônio ainda podia resultar numa ajuda recíproca entre o homem e a mulher, delimitando como as relações sexuais deviam ser realizadas. Feito para dois, diferentes e complementares, o Matrimônio não era apenas uma “forma de agir do mundo”, mas também um meio para se alcançar a salvação no Juízo Final. Contrariava os divórcios, prezando a indissolubilidade da união. Contestava a profanação do vínculo formado a partir das uniões estáveis e do casamento civil, pregando a sacralidade do vínculo. Reiterava a união heterossexual e monogâmica, repudiando outros tipos de configuração da família.

Diante dos desafios pastorais da família no mundo contemporâneo, em 8 de outubro de 2013, o Papa Francisco convocou o Sínodo dos Bispos. Apesar das alterações culturais em escala global, o Sínodo não pretendia mudar as referências da Igreja Católica sobre a família, mas reforçá-las com novos enunciados.

O lineamento do Sínodo dos Bispos frisava que era indispensável orientar-se pela “viragem pastoral” proposta pelo Concílio Vaticano II e reforçada no magistério do Papa Francisco, em especial na Exortação *Evangelii Gaudium*. Aferia que, para a construção do Relatório final, competia as conferências Episcopais, internacionalmente distribuídas, aprofundar as orientações pastorais esboçadas nas reuniões (LINEAMENTO, 2014, s/p).

O lineamento apresentava questões para serem pensadas pelos participantes do Sínodo, entre elas algumas sobre os desafios da educação e o papel da família na evangelização das novas gerações. Considerando que nem sempre era fácil desempenhar uma promissora educação no lar, o lineamento indagava aos Bispos:

[...] Para os pais, nem sempre é fácil desempenhar a sua missão educadora: encontram solidariedade e apoio no seio da comunidade cristã? Que percursos formativos devem ser sugeridos? Quais passos devemos dar a fim de que a tarefa educativa dos pais seja reconhecida também a nível sociopolítico? [...] Como promover nos pais e na família cristã a consciência do dever da transmissão da fé como dimensão intrínseca da própria identidade cristã? (LINEAMENTO, 2014, s/p).

Tais indagações foram discutidas nas reuniões sinodais realizadas em 2014 e 2015. Em 24 de outubro de 2015, o Relatório Final do Sínodo dos Bispos foi finalmente promulgado, destacando que algumas questões relativas à sexualidade atravessavam os dilemas educativos e desestabilizavam a fé cristã no mundo contemporâneo.

Em certos países chegam mesmo a ser impostos pela autoridade pública projetos formativos que apresentam conteúdos contrários à visão humana e cristã: em relação a eles, há que afirmar com determinação a liberdade da Igreja de ensinar a sua doutrina e o direito à objeção de consciência por parte dos educadores (RELATÓRIO FINAL, 2015, s/p).

Segundo o Relatório Final, em parceria com a família, a Igreja devia agir na educação sexual de crianças e jovens. Apesar dos avanços científicos e das reivindicações dos movimentos sociais acerca da sexualidade humana, seria necessário preservar pareceres milenares sobre “a beleza da sexualidade no amor”, preservando orientações sobre as diferenças dos corpos e identidade da família.

O cristianismo proclama que Deus criou o homem como varão e mulher, abençoando-os a fim de que formassem uma só carne e transmitissem a vida [...] A sua diferença, na igual dignidade pessoal, é o selo da boa criação de Deus. Em conformidade com o princípio cristão, alma e corpo, assim como sexo biológico (*sex*) e função sociocultural do sexo (*gender*), podem-se distinguir, mas não separar (RELATÓRIO FINAL, 2015, s/p).

Segundo o Relatório, cabia a família reinventar-se no lar educativo e ser capaz de se tornar um centro de formação humana, com a propagação de comportamentos, valores e virtudes requeridas pela Igreja. Para além do âmbito domiciliar, cabia aos pais, a escolha do tipo de educação que os filhos deviam receber, segundo as suas convicções e sob condições acessíveis. No lar, os pais precisavam suscitar o exemplo, prático e ilustrativo, do amor conjugal, uma vez que:

É de grande ajuda o exemplo de um amor fiel e profundo, assente na ternura e no respeito, capaz de crescer ao longo do tempo e que, no seu abrir-se concreto à geração da vida, faz a experiência de um mistério que

nos transcende (RELATÓRIO FINAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2015, s/p).

O Relatório Final do Sínodo dos Bispos apontava que, no mundo contemporâneo, os pais ainda conservavam uma potente ação educativa na formação cristã dos filhos. Todavia, em muitos contextos, essa ação estava em vias de esfarelamento, “por causa de uma presença invasiva dos meios de comunicação no seio da esfera familiar, mas também devido à tendência a delegar ou a reservar esta tarefa a terceiros”. Diante disso, tornava-se urgente que a Igreja reforçasse sua posição de guardiã da fé, encorajando os pais na sua “obra de participação vigilante e responsável em relação aos programas escolares e educacionais que dizem respeito aos seus filhos” (RELATÓRIO FINAL, 2015, s/p).

A educação familiar apresentava-se como um ponto problemático, pois o desmonte do papel educativo da família podia abalar as estruturas da Igreja e da fé nas gerações vindouras. O Relatório considerava:

Há unanimidade quando se afirma que a primeira escola de educação é a família, e que a comunidade cristã se apresenta como ajuda e integração deste papel formativo insubstituível. Considera-se necessário identificar espaços e momentos de encontro para encorajar a formação dos pais e a partilha de experiências entre famílias. É importante que os pais participem ativamente nos caminhos de preparação para os sacramentos da iniciação cristã, como primeiros educadores e testemunhas de fé para os seus filhos (RELATÓRIO FINAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2015, s/p).

Antes da promulgação do Relatório Final do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco promoveu algumas audiências gerais, dedicadas a todos os fiéis, explorando a doutrina da Igreja sobre a família e diálogos com a contemporaneidade. Em audiência geral, realizada em 29 de abril de 2015, o Papa Francisco afirmava que “a obra-prima da sociedade é a família: o homem e a mulher que se amam. Esta é a obra-prima!”. Esse ensinamento teria sido dado por Jesus Cristo e jamais devia ser rejeitado no seio da sociedade. No entanto, o Papa Francisco manifestava preocupação sobre “o destino da família”, uma vez que, em todo mundo, os jovens estavam se casando menos e os divórcios disseminando cada vez mais (PAPA FRANCISCO, 2015a, s/p). Para explicar o “temor ao Matrimônio”, o Papa Francisco ressaltava:

A família ocupa o primeiro lugar em todos os índices de agradabilidade entre os jovens; contudo, pelo receio de errar, muitos nem sequer desejam pensar nisto; não obstante sejam cristãos, não pensam no Matrimônio sacramental, sinal singular e irrepetível da aliança, que se torna testemunho de fé. Talvez precisamente este medo de fracassar seja o maior obstáculo para receber a palavra de Cristo, que promete a sua graça à união conjugal e à família (PAPA FRANCISCO, 2015a, s/p).

O Papa Francisco afirmava que todos os integrantes da Igreja deviam “[...] meditar com grande seriedade sobre o motivo pelo qual tantos jovens ‘não estão dispostos’ a casar”. E complementava: “existe uma cultura do provisório... tudo é provisório, parece que não existe algo definitivo”. Para ele, “a dificuldade de permanecer unidos”, levava a “interromper os vínculos com frequência e rapidez cada vez maiores” (PAPA FRANCISCO, 2015a, s/p). Nessas circunstâncias, os filhos eram os primeiros a sofrer as consequências dos divórcios e do fracasso do casamento civil e/ou uniões sem o aval sacramental. Em meio a essas intempéries, a educação familiar manifestava-se como imprescindível para modelar modos de existência rumo ao Matrimônio.

Em audiência geral, realizada em 20 de maio de 2015, o Papa Francisco destacava que uma das características essenciais da família ainda era a vocação natural para a educação cristã dos filhos. Diariamente, os filhos deviam ser estimulados a ter mais responsabilidade por seus atos e omissões, numa constante reflexão sobre suas futuras relações sexuais.

Desde tenra idade, deviam ser educados para obedecer à Igreja e aos pais, agindo em defesa da fé na sociedade civil. Os pais não deviam “mandar nos filhos” de forma inoportuna, pois essa ação despertava a exasperação cotidiana. A relação entre uns e outros carecia de sabedoria e equilíbrio. Em tempos de constantes rupturas e rebeliões existenciais, era viável não gerar conflitos no lar, mas pontes de confiança entre quem educava e quem devia ser educado.

Segundo o Papa Francisco, nas primeiras décadas do século XXI, inúmeros “intelectuais críticos” estavam agindo para silenciar os pais, e por efeito, à voz da Igreja, a fim de defenderem outros contornos existenciais para as novas gerações. A família estava acusada de “autoritarismo, favoritismo, conformismo e repressão afetiva”. Em meio a isso, “a aliança educativa da sociedade com a família” entrava em crise profunda, pois “a confiança recíproca” danificava-se. Multiplicavam-se os “peritos educacionais” que tendiam a dizer a verdade da família, enquanto apresentavam “finalidades, motivações e técnicas” para a educação adequada no lar (PAPA FRANCISCO, 2015b, s/p).

No mundo contemporâneo, os pais ficavam inclinados a aceitarem o que era imposto, adaptando-se diante das pressões externas, embora agissem sem questionar o que era orientado para suas ações. Privados da ação educativa,

tornavam-se “excessivamente apreensivos e possessivos em relação aos seus filhos, a ponto de nunca os corrigir” (PAPA FRANCISCO, 2015b, s/p). As pressões externas podiam resultar em algo gravíssimo: a (auto)exclusão dos pais na vida dos filhos. Logo, era oportuno que os pais soubessem da importância da educação familiar, bem como a consciência sobre os seus erros e acertos resultantes.

Não há dúvida de que os pais, ou melhor certos modelos educativos do passado, tinham alguns limites, não há dúvida! Mas também é verdade que alguns erros só os pais são autorizados a fazê-los, porque podem compensá-los de um modo que é impossível a qualquer outra pessoa. Por outro lado, como bem sabemos, a vida tornou-se avara de tempo para falar, meditar, confrontar-se. Muitos pais [...] encontram-se como paralisados pelo medo de errar. Mas o problema não é só falar. Aliás, um ‘dialogismo’ superficial não leva a um encontro genuíno entre a mente e o coração [...] As comunidades cristãs são chamadas a oferecer ajuda à missão educativa das famílias, e fazem-no principalmente à luz da Palavra de Deus (PAPA FRANCISCO, 2015b, s/p).

Conforme o Papa Francisco, à luz da fé, os pais tinham aparatos de ensino confiáveis para serem ditos e praticados no cotidiano. Em tempos de constante profanação daquilo que foi ordenado por Deus, os pais eram chamados a “sair do exílio” em que estavam e chamados a recuperar sua parcela de ação educativa, levando em consideração aspectos oportunos para uma educação de qualidade, tais como o amor, a ternura e a paciência. Segundo ele, “[...] se a educação familiar resgatar o orgulho do seu protagonismo, os pais incertos e os filhos decepcionados serão grandemente beneficiados” (PAPA FRANCISCO, 2015b, s/p).

Em audiência geral, de 21 de outubro de 2015, o Papa Francisco tentou reforçar outros pressupostos sobre a identidade da família no mundo contemporâneo, alicerçando pareceres sobre o Matrimônio. Segundo ele, a Igreja Católica via na família uma bênção a ser protegida, da qual sempre se aprendia novas nuances. Uma bênção de Deus, resguardada na promessa de fidelidade.

[...] a identidade familiar está fundada na promessa — podemos dizer que a família vive da promessa de amor e de fidelidade que o homem e a mulher trocam reciprocamente. Ela inclui o compromisso de receber e educar os filhos; mas realiza-se também no cuidado dos pais idosos, na proteção e cura dos membros mais frágeis da família, na ajuda recíproca para realizar as próprias qualidades e na aceitação dos próprios limites. E a promessa conjugal alarga-se na partilha das alegrias e dos sofrimentos de todos os pais, mães, crianças, com abertura generosa em relação à convivência humana e ao bem comum. Uma família que se fecha em si mesma é uma contradição, uma mortificação da promessa que a fez nascer e a faz viver (PAPA FRANCISCO, 2015c, s/p)

De acordo com o Papa Francisco, apesar das mudanças culturais promovidas no mundo, a sacralidade do Matrimônio não podia ser desqualificada. “A fidelidade

às promessas do Matrimônio é uma verdadeira ‘obra de arte’ da humanidade, um ‘milagre’, já que sua força e persuasão nunca cessam de nos encantar e surpreender”. Todavia, “[...] se a família não ensinar esta verdade do amor, nenhuma outra escola o poderá fazer” (PAPA FRANCISCO, 2015c. s/p). Logo, tornava-se urgente fortalecer o sacramento do Matrimônio e o melhor *locus* para esse ensinamento seria o lar, com o exemplo dos pais.

A fim de sedimentar suas orientações, em 19 de março de 2016, o Papa Francisco promulgou a exortação apostólica *Amoris Laetitia*, em vias de resumir e aprovar as principais conclusões dos Bispos durante as reuniões sinodais, além de explanar as orientações apresentadas nas audiências gerais. A exortação apostólica trouxe em si diretrizes sobre o amor na família, sendo dedicadas aos Bispos, aos presbíteros, aos diáconos, as pessoas consagradas, bem como aos esposos cristãos e fiéis leigos. Ao tratar dos desafios pastorais, ele advertia:

Ninguém pode pensar que o enfraquecimento da família como sociedade natural fundada no Matrimônio seja algo que beneficia a sociedade. Antes pelo contrário, prejudica o amadurecimento das pessoas, o cultivo dos valores comunitários e o desenvolvimento ético das cidades e das aldeias. Já não se adverte claramente que só a união exclusiva e indissolúvel entre um homem e uma mulher realiza uma função social plena, por ser um compromisso estável e tornar possível a fecundidade. Devemos reconhecer a grande variedade de situações familiares que podem fornecer uma certa regra de vida, mas as uniões de facto ou entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, não podem ser simplistamente equiparadas ao Matrimônio. Nenhuma união precária ou fechada à transmissão da vida garante o futuro da sociedade (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p)

Em consonância com os pareceres do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco contestava a convivência sexual precedente ao Matrimônio, bem como as uniões que não assumiam a forma de um vínculo institucional. Para ele, em várias localidades, crianças e jovens começavam a ver o Matrimônio como uma proposta de união antiquada, sendo impulsionados por pressões externas que vislumbravam novos modos de existência no mundo contemporâneo. Modos de existência que não compartilhavam pressupostos doutrinários sobre os sexos e as afetividades.

De acordo com o Papa Francisco, a família estava chamada a reforçar o seu protagonismo na educação sexual dos filhos. Apesar dos avanços científicos e das colocações de fazeres e saberes dos movimentos sociais na contemporaneidade, se por um lado ainda “[...] não se toma a sério a educação sexual” (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p), por outro são grandes as dificuldades para sedimentar uma educação sexual responsável entre pais e filhos. Isso acontecia, devido ao fato de que:

É difícil pensar na educação sexual num tempo em que se tende a banalizar e empobrecer a sexualidade. Só se poderia entender no contexto duma educação para o amor, para a doação mútua; assim, a linguagem da sexualidade não acabaria tristemente empobrecida, mas esclarecida. É possível cultivar o impulso sexual num percurso de conhecimento de si mesmo e no desenvolvimento duma capacidade de autodomínio, que podem ajudar a trazer à luz capacidades preciosas de alegria e encontro amoroso (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p).

Levando em consideração a ideia de que as crianças ainda não estavam na plena maturidade existencial, o Papa Francisco ressaltava que os pais deviam tomar cuidados para não antecipar discussões ou confundir premissas de como conhecer e experienciar as potencialidades sexuais do corpo. Diariamente, os pais educavam sexualmente os filhos, mesmo que não tivessem consciência disso, através das palavras de ensino, mas também através dos silêncios sensatos e dos gestos cotidianos. Para ele, sem a reverência ao pudor as descobertas sexuais podiam desvirtuar do caminho proposto, reduzindo a sexualidade “a obsessões concentradas exclusivamente nos órgãos genitais” (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p).

No lar, a educação sexual devia ser pautada na afetividade. Considerando a efemeridade da atração sexual, o Papa Francisco advertia que “a linguagem do corpo” requeria uma aprendizagem paciente para que cada um pudesse “interpretar e educar os próprios desejos em ordem a uma entrega de verdade” (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p). A atuação dos pais tornava-se de suma importância para que os filhos entendessem os desejos dos corpos, mas também (e sobretudo) os benefícios da afetividade, expressa no amor conjugal.

Os pais deviam educar com amor e para o amor conjugal. O amor conjugal devia ser valorizado em prol da salvação das almas e vislumbrado pelos filhos, ao verem o exemplo dos pais. Os filhos deviam ser preparados para o Matrimônio (exceto aqueles que eram chamados para uma vida religiosa e/ou para o sacramento da Ordem). Os filhos deviam aprender que, sedimentada no amor conjugal, a união sexual manifestava-se como “um sinal dum compromisso totalizante, enriquecido por todo o caminho anterior” (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p). No lar, antes dos pais dialogarem sobre as relações sexuais, deviam dialogar sobre a afetividade.

Enquanto valorizava a importância da afetividade na educação sexual, o Papa Francisco advertia sérias críticas a relação entre educação sexual e proteção dos corpos. Segundo ele:

Frequentemente a educação sexual concentra-se no convite a 'proteger-se', procurando um 'sexo seguro'. Estas expressões transmitem uma atitude negativa a respeito da finalidade procriadora natural da sexualidade, como se um possível filho fosse um inimigo de que é preciso proteger-se. Deste modo promove-se a agressividade narcisista, em vez do acolhimento. É irresponsável qualquer convite aos adolescentes para que brinquem com os seus corpos e desejos, como se tivessem a maturidade, os valores, o compromisso mútuo e os objetivos próprios do Matrimônio. Assim, são levemente encorajados a utilizar a outra pessoa como objeto de experiências para compensar carências e grandes limites (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p).

Além da afetividade, o Papa Francisco também destacava a importância da educação sexual pautada na diferença dos corpos. Ele admitia as conexões entre o sexo biológico (*sex*) e função sociocultural do sexo (*gender*), mas também reforçava o pressuposto de que o “*gender*”, isto é, o gênero, apresentava-se como uma ideologia corrosiva a formação da família. Segundo ele, bem como o Relatório Final do Sínodo dos Bispos, “a ideologia de gênero”:

[...] nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família. Esta ideologia leva a projetos educativos e diretrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afetiva radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p).

Enquanto as investigações científicas sobre as vivências do gênero, no tempo e no espaço, traziam informações relevantes acerca dos modos de existência de homens e mulheres, a ideologia de gênero pretendia dar resposta a certas aspirações por vezes compreensíveis, mas acabava impondo um pensamento que rompia com a doutrina cristã e tentava viabilizar outras formas de educar as novas gerações. Nessas circunstâncias, todos os cristãos estavam chamados a “combater um bom combate”, pois:

Uma coisa é compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra é aceitar ideologias que pretendem dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade. Não caímos no pecado de pretender substituir-nos ao Criador. Somos criaturas, não somos onipotentes. A criação precede-nos e deve ser recebida como um dom. Ao mesmo tempo somos chamados a guardar a nossa humanidade, e isto significa, antes de tudo, aceitá-la e respeitá-la como ela foi criada (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p).

Segundo ele, desde a fecundação, emergia um conjunto de características biológicas que contribuía para predisposições da “configuração do próprio modo de ser”. No entanto, outros fatores podiam levar homens ou mulheres a agirem em consonância ou desregulação a tais características. Entre esses fatores estavam: “o temperamento, a história familiar, a cultura, as experiências vividas, a formação

recebida, as influências de amigos, familiares e pessoas admiradas, e outras circunstâncias concretas” (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p).

O Papa Francisco advertia que a “configuração do próprio modo de ser” não precisava ser ensinada como padronizações rígidas. Homem e mulher eram “naturalmente” diferentes, mas não opostos. A educação sexual devia centrar-se mais naquilo que “o corpo é” e não apenas naquilo que “o corpo faz”, embora esse “fazer” também tivesse impacto significativo na “configuração do próprio modo de ser”.

A rigidez torna-se um exagero do masculino ou do feminino, e não educa as crianças e os jovens para a reciprocidade encarnada nas condições reais do Matrimônio. Tal rigidez, por seu lado, pode impedir o desenvolvimento das capacidades de cada um, tendo-se chegado ao ponto de considerar pouco masculino dedicar-se à arte ou à dança e pouco feminino desempenhar alguma tarefa de chefia. Graças a Deus, isto mudou; mas, nalguns lugares, certas ideias inadequadas continuam a condicionar a legítima liberdade e a mutilar o autêntico desenvolvimento da identidade concreta dos filhos e das suas potencialidades (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p).

De acordo com suas orientações, a educação sexual devia “ajudar a aceitar o próprio corpo”, de modo que cada um não pretendesse “cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela”. E complementava dizendo: [...] para além de compreensíveis dificuldades que cada um possa viver, é preciso ajudar a aceitar o seu corpo como foi criado”. No lar, os filhos podiam reconhecer o valor da diferença corporal, da paridade e reciprocidade biológica, funcional, psicológica e social existente entre o homem e a mulher (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p).

Diante disso, cotidianamente, os pais deviam transmitir conhecimentos e práticas que eram vistos como “normais e aceitáveis” para os corpos dos filhos. Careciam ajudar, com esse “nobre papel corretivo e valorativo”, para que a “configuração do próprio modo de ser” fosse reiterada constantemente (PAPA FRANCISCO, 2016, s/p).

5. Considerações Finais

Esse estudo se propôs a compreender o papel da família na educação sexual, centrando-se nos discursos pastorais da Igreja Católica (2013-2016). De acordo com esses discursos, produzidos e circulados internacionalmente, a Igreja Católica estava convocada a conduzir em conformidade com as situações contemporâneas.

Todavia, isso não refutava a possibilidade de reforçar a doutrina cristã sobre os modos de existência de homens e mulheres.

No período de 2013 a 2016, os representantes da Igreja Católica – Papa Francisco e Bispos – apontavam a importância do Matrimônio e da educação familiar no mundo contemporâneo. Em suas orientações, persistiam tentativas múltiplas de estabelecer regras de conduta, de utilidade e regulação social para os corpos de homens e mulheres. Para eles, a educação sexual, à luz da fé e no lar, devia prezar a vigilância contínua com os filhos, desvincular-se da via protetiva e de ensinamentos que pudessem antecipar práticas sexuais ou pensamentos indecorosos. As palavras deviam ser ditas com cuidado. Cotidianamente, o exemplo dos pais servia como catalizador de ações e reações vindouras, podendo resultar na aceitação do que era visto e ouvido, ou até mesmo na exasperação dos filhos.

Conforme os discursos pastorais, a educação sexual não devia ater-se apenas aos aspectos relacionados ao ato sexual e/ou a procriação entre o homem e a mulher, mas também (e sobretudo) aos aspectos afetivos. A ausência da afetividade na educação sexual podia resultar em graves problemas, ao instigar reflexões e conhecimentos precoces sobre os desejos dos corpos e o uso dos prazeres individuais. Por um lado, os discursos pastorais apresentavam que o “ser no mundo” era atravessado por aspectos culturais. Por outro, reforçavam que a “configuração do próprio modo de ser” já estava pré-definido por Deus. Havia, portanto, uma tentativa de enfatizar as (des)construções das práticas culturais hodiernas, mas também de sacralizar a heterossexualidade, o binarismo (homem/mulher) e a materialidade diferencial dos corpos. A “ideologia de gênero” apresentava-se como uma problemática pulsante e desafiadora para o mundo contemporâneo.

A educação sexual mostrava-se como uma artimanha pedagógica oportuna para o ordenamento da família idealizada. No mundo contemporâneo, a educação sexual não se manifestava apenas como uma possível mediadora da identidade da família. Ela manifestava-se como a (re)produtora dessa identidade.

Referências

AQUINO, Felipe. **O catecismo da Igreja responde de A a Z**. Lorena: Editora Cléofas, 2002.

BIROLI, Flávia. **Família**: novos conceitos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã... Diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FIGUEIRÓ, Maria Neide Damico. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. Londrina. Ed. UEL, 1996.

FIGUEIRÓ, Maria Neide Damico. **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade 1. A vontade de saber**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LOURO, Guacira. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v.19, n. 56, p.17-23, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

PRADO, Danda. **O que é família**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2013 (coleção primeiros passos; 50).

PAPA FRANCISCO. Igreja Católica. **Audiência geral**. 2015a. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150429_udienza-generale.html>. Acessado em: 10 ago. 2020.

PAPA FRANCISCO. Igreja Católica. **Audiência geral**. 2015b. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150520_udienza-generale.html>. Acessado em 10 ago. 2020.

PAPA FRANCISCO. Igreja Católica. **Audiência geral**. 2015c. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20151021_udienza-generale.html>. Acessado em: 10 ago. 2020.

PAPA FRANCISCO. Igreja Católica. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium**. 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#Alguns_desafios_culturais>. Acessado em: 10 ago. 2020.

PAPA FRANCISCO. Igreja Católica. **Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia**. 2016. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acessado em: 13 ago. 2020.

PHILLIPIS, Bernard. **Pesquisa social**: estratégias e táticas. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1974.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SÍNODO DOS BISPOS. Igreja Católica. **Lineamento**. 2014. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141209_lineamenta-xiv-assembly_po.html#O_desafio_da_educac%C3%A7%C3%A3o_e_o_papel_da_fam%C3%ADlia_na_evangelizac%C3%A7%C3%A3o_\(nn._60-61\)](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141209_lineamenta-xiv-assembly_po.html#O_desafio_da_educac%C3%A7%C3%A3o_e_o_papel_da_fam%C3%ADlia_na_evangelizac%C3%A7%C3%A3o_(nn._60-61))>. Acessado em: 20 ago. 2020.

SÍNODO DOS BISPOS. Igreja Católica. **Relatório Final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco**. 2015. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assembly_po.html#Fam%C3%ADlia,_generatividade_e_educac%C3%A7%C3%A3o__>. Acessado em: 20 ago. 2020.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.